

## **NO EMBALO DE CATIRINA E DE PAI MATEUS: HISTÓRIAS DE BOI DE REIS NAS BRAÚNAS/BARAÚNAS**

Janielly Souza dos Santos

*Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, janiellysouza@yahoo.com.br*

### **RESUMO**

No baile histórico das Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960, adentramos o terraço construído entre a capela e a bodega de Zé Lourenço como espaço privilegiado de lazer e sociabilidades. Procurando problematizar as relações de gêneros e identidades colocadas junto aos eventos realizados neste espaço, adentramos as práticas culturais do boi de reis. Sendo o terraço construído a partir do jogo do instituído, mas também dos cruzamentos de móveis, da participação cotidiana dos sujeitos, ele colocara-se enquanto produtor de sensibilidades dos gêneros e possível reprodutor dos códigos sociais e culturais vigentes. Para que pudéssemos elaborar tais reflexões, fizemos uso das narrativas orais de memórias, postas pela metodologia da história oral.

Palavras-chaves: Gênero, Identidades, Boi de Reis.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho constrói-se com o objetivo de problematizar a produção identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais do boi de rei nas Braúnas/Baraúnas, refletindo a construção do espaço e os lugares atribuídos historicamente ao homem e a mulher nas décadas de 1950 e 1960.

A sociedade se propõe a partir de relacionamentos cotidianos entre os sujeitos. É nas práticas cotidianas de afetividade, solidariedade, assim como de conflitos entre os sujeitos, que se constrói uma sociedade. Nesse campo de ação, entra em cena a cultura. Cultura, um conceito que não deve ser pensado a partir da condição de estabilidade. Como nos adverte Certeau (1995, p.103-104), “A relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades [...] ela não é mais estável e definida por um código aceito por todos.”

A cultura deve ser pensada como um campo de batalha em constante movimento, passível de intrigas e negociações; ela não é mais singular, mas plural<sup>1</sup>. Assim, acrescenta-se ainda, que haver cultura, não é necessário que se tenha apenas práticas sociais, mas que estas tenham significado, relevância para o indivíduo que a produz(iu), bem como, para o corpo social do qual faz parte.

Nesta perspectiva a análise a categoria de gênero é importante a este trabalho, no momento que nos possibilita pensar os relacionamentos de gêneros – masculino e feminino – no cotidiano, e os códigos sociais colocados a cada um deles, em meio aos relacionamentos estabelecidos. Neste sentido, devemos ter em mente que a categoria de gênero nasce a partir dos estudos sobre o feminismo, dando seguimento com a história das mulheres, que a princípio estava intimamente ligada a história política e econômica<sup>2</sup>, mas que depois vai propor novas problemáticas de análise.

É na década de 1980 que o gênero vai se constituir enquanto tema de reflexão, todavia ele passa historicamente por mutações até chegar à proposta de análise relacional que nos propomos a trabalhar junto a esta dissertação. Ao observarmos o gênero na perspectiva relacional, refletimos com Stearns (2007, p.16) que “[...] um gênero só pode ser compreendido se comparado com o outro.”

## **METODOLOGIA**

A construção da narrativa histórica exige registros, marcas de historicidade, fontes passíveis de serem problematizadas pelo historiador<sup>3</sup>. As experiências do sensível no mundo, partilhadas ou não, pelos sujeitos devem se colocar, através da pesquisa, enquanto fontes para o historiador. Nesse campo de ação, diante das fontes, o historiador necessita encontrar caminhos metodológicos para traduzir<sup>4</sup>, problematizar as subjetividades que se colocam pelas marcas do vivido.

As fontes acolhidas e problematizadas na pesquisa se colocam pelas narrativas orais de memórias de pessoas que habitaram o espaço das Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960, bem como, os espaços de sociabilidades produzidos. Ao fazermos uso das narrativas orais de memórias, é importante observar que nelas confluem temporalidades diferentes, que são negociadas

---

<sup>1</sup> Certeau (1995, p.241-242) considera que “[...] A cultura no singular impõe sempre a lei de um poder. [...] A cultura no plural exige incessantemente uma luta.”

<sup>2</sup> Ver PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>3</sup> De acordo com Pesavento (2005, p.5), “[...] Mesmo que se admita que a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, não só pelo método mas sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado, onde os homens sentiam e agiam de forma diferente.”

<sup>4</sup> “[...] Ora, traduzir é dizer um outro, é adaptar significados, é converter lógicas de pensamento e ordenação do mundo, é adequar temporalidades, até então incompatíveis.” (PESAVENTO, 2004, p.9)

no ato do narrar e podem propor um discurso que de acordo com os usos, pode colocar-se como História Oral. Como nos atenta Albuquerque Júnior (2007, p.202), “a experiência estabelece o passado e o presente e a relação entre eles; estabelece a representação do passado que é convocada pelos quadros sociais do presente.”

Neste âmbito, percebemos o conceito de experiência manuseado nestas reflexões, a partir de Larrosa (2004, p.163), quando este nos alerta a observarmos que “é experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece e ao nos passar nos forma e nos transforma.” Conceito que está intimamente ligado ao de cultura.

As narrativas orais, enquanto experiências, criam relações entre o passado e o presente. Na medida em que o sujeito é transformado pelas experiências que vivenciou e vivencia, não pode narrar o passado como ‘realmente foi’<sup>5</sup>, e por isso suas narrativas não devem ser apreendidas como ‘a verdade’, mas como possibilidades de análises.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No caminhar pelas relações de gêneros nas Braúnas/Baraúnas, percebemos que determinadas práticas e experiências não eram permitidas social e culturalmente às mulheres. Um exemplo, atuar junto ao boi de reis, como relata a senhora Sebastiana Azevedo:

Sebastiana: O povo chegava, vinha tanta gente, mulher, tinha gente. Tinha as dama vestida de roupa de mulher, as dama.

Janielly: Era os homens vestido de mulher?

Sebastiana: Era, os home vestido de mulher, você jurava, tinha gente que namorava a noite todinha com um home, pensando que era mulher. (risos)<sup>6</sup>

No espetáculo do boi de reis, mulheres não tinham voz nem vez, apesar de serem figuras requisitadas no espetáculo. Em meio a uma sociedade ‘machista’, onde não era permitido/indicado às mulheres atuar junto à encenação do boi de reis, os personagens femininos eram homens que se vestiam de mulher, tanto no caso das damas, como no caso de Catirina, figura central no enredo.

Uma justificativa para a não aceitação da participação feminina era de que como era um grupo móvel que se apresentava em muitos lugares, os pais não queriam deixar suas moças, nem os maridos as suas mulheres sair pelo mundo afora, com outros homens. Lugar de mulher na década de

<sup>5</sup> ALBERTI (2005, p.16) nos informa que, “Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação.”

<sup>6</sup> Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

1950 e 1960, na sociedade das Braúnas era no lar cuidando de seus filhos, de preferência junto ao espaço da cozinha. Mesmo os participantes casados não queriam que suas esposas ou filhas viessem atuar no espetáculo, na medida em que, segundo Del Priore (2011, p.111) “[...] Não à toa, nessa época, para a maior parte das pessoas, atriz e meretriz rimavam.”

A ideia de que as mulheres que atuavam junto ao espetáculo do boi de reis, assim como a outros espetáculos, eram prostitutas, mulheres da vida, estava presente na sociedade das décadas de 1950 e 1960. Sendo sabedor de que a sociedade não permitia esse movimento das mulheres, e como o grupo de boi de reis necessitava das figuras femininas, quando não tinham quem representar os papéis femininos, recorria-se ao homem vestido de mulher.

Neste campo de ação, convém pensar a construção do auto do boi de reis, também chamado em outros espaços do Brasil de bumba-meu-boi, boi-bumbá, boi-calemba etc. Tendo como cenário uma fazenda de gado, o que revela a rigidez das relações hierarquizadas desse espaço, o boi de reis tinha personagens humanos e animais. O enredo colocara-se da seguinte forma:

[...] O amo do boi, que simboliza o dono da fazenda, descobre que seu boi de estimação desapareceu e o responsável pelo desaparecimento foi Francisco, trabalhador da fazenda, apelidado Nego Chico<sup>7</sup> que, temeroso das represálias está foragido.

O amo toma a iniciativa então, de chamar os vaqueiros e depois os índios que vivem em torno da fazenda para procurá-lo. Porém todos retornam mal sucedidos. Após uma série de peripécias ritualizadas ao som de toadas, Nego Chico é encontrado e ameaçado, confessa o crime, revelando o motivo de tal feito.

Catirina sua mulher, grávida, tem o desejo de comer a língua do boi, convencido por ela, rouba o boi e foge com ele da fazenda. Piedoso, por se tratar de um desejo de grávida, o fazendeiro faz um trato com Nego Chico, se o boi ressuscitar ele será perdoado. São convocados doutores, padres e feiticeiros, que acabam ressuscitando o animal. Com isso Nego Chico é perdoado e todos comemoram em uma grande festa. (FERREIRA, 2011, p.1-2)

Apesar das singularidades de cada grupo, seja no acréscimo de falas e/ou personagens, e na estrutura material utilizada nas vestimentas e na confecção do boi, pelas condições financeiras, o enredo tinha como eixo central de apresentação o narrado anteriormente. Este enredo possibilita perceber marcas de gêneros. A partir do universo rural das grandes propriedades, a figura masculina do fazendeiro era central, detendo autoridade e poder, perante os homens economicamente menos favorecidos e perante as mulheres.

Além disso, quando no auto é colocado que o Nego Chico (Pai Mateus), rouba o boi e foge com ele da fazenda, ao ser convencido por sua esposa, faz notar uma relação com a história bíblica de Adão e Eva, presente no Gênesis, no momento em que a mulher convence Adão a comer do fruto

<sup>7</sup> No caso de alguns bois de reis brincados na região da Braúnas/Baraúnas, Nego Chico também recebia o nome de Mateus.

proibido, fazendo com que este cometesse o pecado original. Assim, a figura feminina, tanto na narrativa bíblica, quando no enredo do boi de reis era proposta como responsável pelo erro do homem. Por ser considerada perigosa, a mulher devia ser mantida a ‘rédeas’ curtas e sob vigilância constante.

Ao caminharmos ainda junto à encenação do boi de reis, convém observar a fala da senhora Cleonice Firmino dos Santos (59 anos), conhecida como Creuza de Chico Matias, sobre as vestimentas dos sujeitos que atuavam no espetáculo:

Cleonice: Era. Era uma gola, eles gostavam muito assim, roupa de manga comprida e calça, mas a gola era só de fita e espelho e o capacete e as espadas [...]

Janielly: As mulheres não participavam não?

Cleonice: Não, só era homem. Você pensava que, tinha muita gente que pensava que era mulher, as daminhas era de vestido de mulher, muito rapazim passava por moça, nessa época, era. [...]<sup>8</sup>

Através desta fala e da pessoa que a narrou, chegamos a Chico Matias, já falecido, que foi esposo desta senhora e também atuou junto ao boi de reis, geralmente no papel do boi. Segundo o senhor Nilton Gomes de Farias “Chico Matias, veio morar aqui através disso, era um dos tais.”<sup>9</sup> Afirmção que possibilita pensar que o boi de reis, assim como outras configurações de divertimentos, acabaram por ajudar na constituição das Braúnas/Baraúnas, no instante em que a partir destes eventos pessoas vieram a residir neste espaço social em construção.

Voltando a narrativa anterior da senhora Cleonice Firmino, é interessante observar que quando ela nos propõe que muitos rapazes passavam-se por moça, reforça a fala da senhora Sebastiana Azevedo, quando esta afirmava anteriormente que tinha homens que passavam a noite toda a namorar outro homem, pensando que este era mulher. Neste sentido, convém observar que a prática do namoro era diferente nas décadas aqui pesquisadas, o flerte, a dança, a conversa, algumas vezes a pegada nas mãos consolidavam-se em namoro entre os gêneros<sup>10</sup>, feminino e masculino. Como nos faz perceber a senhora Antonia Pires da Silva (66 anos):

[...] o namoro quando tava muito apertado era tudo de pareia, andando de pareia, num sabe, num tinha essa história de beijo, de nada não, andava tudo de pareia, assim, aí quando achava que tava muito [...] pegava-se na mão, nas pontas dos dedos [...] E só conversando.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> Entrevista realizada em 24 de Fevereiro de 2012.

<sup>9</sup> Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

<sup>10</sup> “[...] O termo gênero, por sua vez, faz referência a uma construção cultural: é uma forma de enfatizar o caráter social, e portanto, histórico, das concepções baseadas nas percepções das diferenças sexuais.” (PINSKY, 2010, p.30)

<sup>11</sup> Entrevista realizada em 24 de Setembro de 2009.

No caso do namoro entre os homens no boi de reis, era propício a prática do flerte. Quando o homem se travestia<sup>12</sup> de mulher para atuar no espetáculo, a exemplo da figura feminina Catirina, outros homens quando viam apreciar o auto e não sabiam da situação, poderiam encantar-se com a ‘moça’ e começar a lançar olhares. Que durante a atuação poderiam ser correspondidos ou não, dependendo do humor do homem que estivera vestido de mulher. É neste jogo do flerte, e da brincadeira que se produzia o namoro entre homens, o que era favorecido pela pouca iluminação do espaço, em caso do espetáculo noturno.

Nesta perspectiva, em meio a uma sociedade que pregava a heterossexualidade com veemência, os homens que passavam por esta situação não escapavam dos comentários e risadas daqueles que presenciaram a cena, ainda sendo assunto de conversas no dia seguinte, entre amigos e familiares. Entre brincadeiras e risadas daqueles que estavam a narrar à situação, havia o momento de colocar o ato de relacionar-se amorosamente com o mesmo sexo como algo impróprio e digno de repugnância, para que não passasse a ocorrer na sociedade.

O espaço do lazer junto ao boi de reis era interessante à construção de namoros, não somente entre os iguais como pensamos ainda a pouco, mas principalmente entre o sexo oposto. Todavia, estes espetáculos também poderiam favorecer experiências contrárias. É o que nos narra à senhora Sebastiana Azevedo, ao contar uma experiência sua que não aconteceu no terraço, nem tampouco na temporalidade de pesquisa<sup>13</sup> por nós analisada, mas que possibilita pensar múltiplas experiências dos relacionamentos entre os sujeitos nos bois de reis e em outros espaços de lazer e entretenimento, ainda percebendo a possibilidade da quebra de códigos comportamentais colocados pela sociedade já antes da década de 1950:

Sebastiana: Era. Lá foi onde acabou um casamento meu.

Janielly: Acabou um casamento seu?

Sebastiana: Porque eu noiva de um rapaz

Janielly: Por que?

Sebastiana: Por que eu namorei demais.

Janielly: As senhora namorou demais? (risos)

Sebastiana: Eu era muito namoradeira, também era muito nova, nera. Uma pessoa com 16 anos, 17 anos, num é novo? Nova, num tinha juízo, e eu também num gostava dele, né.

---

<sup>12</sup> No sentido de vestir roupas do sexo oposto.

<sup>13</sup> Este fato ocorreu no Sítio Cumaru, atual distrito de Pedra Lavrada – PB, localidade próxima a Baraúna, em fins da década de 1930. É ainda interessante pensar este relato, porque a senhora Sebastiana Azevedo se casou com seu Tota Henriques, que residia no Sítio Tanque Redondo, atual município de Baraúna, e que há alguns anos adotou Baraúna como cidade de morada. Além disso, nas décadas de 1950 e 1960, tanto ela quanto seu esposo se relacionavam diretamente com as Braúnas/Baraúnas, chegando a participar de boi de reis neste espaço.

Ajuntou-se, num gostava, aí chegou Tota todo bonitão dos olhos verdes. [...] Eu disse: \_  
Aqui é donde Dona Basta fica. Eu gosto muito de gente assim, do olho feito o seu.

Janielly: Mas acabou porque o outro noivado?

Sebastiana: Porque ele também não agüentou a cangaia que levou.<sup>14</sup>

A senhora Sebastiana Azevedo acabou um casamento em um boi de reis porque traiu o seu noivo com outro homem, isto não era o comportamento indicado a uma moça de família. Ela fugiu a regra, promoveu atitudes que não deveriam ser efetivadas por parte de uma moça de família. Ela ainda foi repreendida por seus familiares, pessoas fizeram comentários maldosos a seu respeito; contudo, como o namoro e o noivado eram compromissos que ainda podiam ser rompidos, esta não ficou tão difamada, ao contrário do que acontecia com as mulheres que traíam após a realização e a consumação do casamento.

Neste jogo, somos ainda chamados a pensar que nesse trio amoroso, proposto junto ao boi de reis, sensibilidades diferentes foram produzidas em cada sujeito participante da trama amorosa. O noivo que perde a noiva foi afetado por sensações/sentimentos diferentes, daquele que conquistou e ganhou à senhora Sebastiana, chegando a casar-se com ela. Levar cangaia, chifre, ser traído, não era tão fácil de aceitar frente à sociedade ‘machista’ que se proponha nas décadas de 1950 e 1960, onde era o senhor soberano na relação com o gênero feminino.

O misto de emoções para a senhora Sebastiana foi ainda maior, perdeu um noivo, mas ganhou outro, aquele que desejava. Neste caminho, quando esta senhora na sua fala justifica o porquê da traição, o não gostar do pretendente a marido, é possível observar que a questão dos sentimentos começava a aparecer junto à escolha do marido, em algumas famílias com maior intensidade do que em outras. Desta forma, o amor aparece como algo possível a ser alcançado. No caso da senhora Sebastiana e de tantas outras ao longo da história,

[...] Um amor que busca romper com velhas receitas, com fórmulas banais e com clichês que se lhe impõem os costumes, as leis e as rotinas sociais. Amar é antes selecionar o eleito do coração. É notar, é colocar a parte, é singularizar. Um, ou uma, entre todos. Um rosto, um nome. Isso implica a seleção que entroniza o objeto como excepcional. O eleito é distinto: superior com um rei ou distante como uma estrela. O amor, dirá finalmente alguém, é um problema de vida, de ordem sensível, de estética e poética, não de conceitos.”  
(DEL PRIORE, 2011, p.12-13)

Amor carregado de deleites e perigos. Perigos como os que sondavam os personagens que faziam o boi de reis, principalmente o que estava sob o boi. A senhora Cleonice Firmino fala que

<sup>14</sup> Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

seu esposo, Chico Matias, “só dançava debaixo do boi armado, porque qualquer coisa, nessa época tinha muita gente que pensando era boi, às vezes atirava, às vezes danava faca. Era, era mesmo um boi, era de pano e bugi<sup>15</sup>, aí ele só andava armado.”<sup>16</sup>

Deleite e perigo que rondou a senhora Anísia Azevedo em uma apresentação do boi de reis no terraço nas Baraúnas na década de 1960:

Tinha mulher boi de reis. Tinha, eu era doída pra ir pra boi de reis, que eu num conhecia boi de reis, eu tava gestante já de Niedja, em 1966, eu num boi de reis, ali na frente da casa de Chico de Adauto, que hoje é de Dadá. Minha filha, tava eu, Nilton, eu lembro bem, mais Odaci, Valdo Buiú, que hoje são os pais de Gideval. Esse boi de reis, veio de lá, emburacou em procura de mim. Eu dei um, eu já gestante, eu dei um pinote, fiquei agarrada com Nilton, por detrás pensando que aquele boi ia saltar em cima de mim. (risos) Ave Maria, mas foi um susto tão grande, daí eu fiquei com medo. Sofri esse susto, aí num fui mais.<sup>17</sup>

Os espaços de divertimentos estabelecem múltiplas sensações. No caso do boi de reis junto à senhora Anísia Azevedo, observamos que ela primeiramente experimentou a ansiedade, juntamente com a expectativa de ver a apresentação pela primeira vez. Em meio às sociabilidades promovidas junto a seus conhecidos que estavam a apreciar a encenação, o encantamento transformasse em susto, e, por conseguinte, em medo<sup>18</sup>. Medo que fez com que ela não quisesse mais habitar espaços regidos pelo boi de reis. Neste campo de ação, as pessoas enquanto sujeitos sensíveis não ficam indiferentes aos estímulos sensoriais propostos pelos espaços em que atuam. É o que nos possibilita pensar Pesavento (2007, p.12) ao afirma que:

Os sentidos são afetados e provocam sensações, ou seja, eles expressam uma atividade reativa, anterior à capacidade reflexiva, e que marca uma modificação no equilíbrio entre este ser e o mundo. As sensações, fenômenos da ordem da sensibilidade, são imediatas e momentâneas e podem ser definidas como a capacidade de ser afetado por fenômenos físicos e psíquicos, em reação dos indivíduos diante da realidade que os toca.

O susto que a senhora Anísia teve com o boi foi uma atividade reativa, antes da reflexão que ele não era um animal vivo, mas objeto de uma encenação. Susto que gerou o medo como fruto,

---

<sup>15</sup> “Bugi é mato que ele enverga e faz, o jeito do boi. Que ele só tinha de boi a cabeça e o chifre, o resto tudo era, ou compensado, compensado pesava muito, mas sempre ele botava só uma folhinha de compensado bem fininha, o resto era bugi. Aí cobria, fazia o pano, fazia aquele saião ao redor pra cobrir a pessoa.” Entrevista realizada com a senhora Cleonice Firmino em 24 de Fevereiro de 2012.

<sup>16</sup> Entrevista realizada em 24 de Fevereiro de 2012.

<sup>17</sup> Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

<sup>18</sup> Medo que nos “[...] remete a um sentimento, ou seja, a uma dimensão subjetiva da experiência histórica que nem sempre é dita ou verbalizada [...]”. (MONTENEGRO, 2008, p.16)



sensibilidade da realidade experimentada marcada na memória, e que nos chega pelas suas narrativas. Uma entre tantas experiências vividas foi narrada, sinal que está sensibilidade marcou a vida desta senhora, e um dos motivos disso, foi o fato dela está grávida. Acrescentemos as sensibilidades produzidas junto a uma mulher que estava prestes a ser mãe.

Marcas de historicidade de um tempo que se esvaiu, uma prática que não mais sobrevive em Baraúna – PB nos dias atuais, como nos propõe o senhor Nilton, esposo de Anísia: “Foi extinto aqui da região, acabou-se só se for lá pro lado do Ceará, mas aqui mesmo acabou-se.”<sup>19</sup> Em meio às discussões sobre sensibilidades, pensemos que o boi de reis foi extinto na região enquanto manifestação artística que se apresenta ao público, mas que ainda permanece vivo na memória daqueles que experimentaram esses momentos de lazer e sociabilidades.

## CONCLUSÃO

Sensibilidades narradas, afetividades transmitidas que atuaram na construção deste trabalho. Depoentes que merecem destaque, pois a partir de suas narrativas de memórias, desenhamos contornos de experiências, construímos imagens dos espaços e dos relacionamentos que se desdobraram nestes. Pessoas que ao nos contarem suas experiências de vida, produziram também construções históricas dos gêneros nas Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de historia oral**. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005a.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaio de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Carla Georgea Silva. Resignificando fronteiras: Territorialidades e identidade no Bumba-meu-boi do Maranhão. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)igualdades, 11., 2011, Ondina. **Anais eletrônicos**. Ondina: UFBA, 2011. p.1-

---

<sup>19</sup> Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

12. Disponível em:  
<[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307635760\\_ARQUIVO\\_ArtigoLusoAfrosemresumo.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307635760_ARQUIVO_ArtigoLusoAfrosemresumo.pdf)>. Consultado em 16 de Janeiro de 2012.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: \_\_\_\_\_. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Tradução de Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Produções do Medo: algumas trilhas. (1955-1964). In: MONTENEGRO, Antonio Torres; NETO, Regina Beatriz Guimarães; REZENDE, Antônio Paulo (et al.). **História: cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. Da UFMT, 2008. p.13-43.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (org.) **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p.7-15.

\_\_\_\_\_. Sensibilidade: Escrita e leitura da alma. In: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9-21.

\_\_\_\_\_. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2005b, [En línea], Puesto en línea el 04 febrero 2005. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/229> Consultado em 22 de agosto de 2010.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.

